

# **História da Cultura Afro-brasileira**

**Joceneide Cunha  
Júlio Cláudio da Silva**



**São Cristóvão/SE  
2010**

# História da Cultura Afro-brasileira

## Elaboração de Conteúdo

Joceneide Cunha  
Júlio Cláudio da Silva

---

**Projeto Gráfico e Capa**  
Hermeson Alves de Menezes

**Diagramação**  
Nycolas Menezes Melo

**Ilustração**  
Joceneide Cunha  
Lucas Barros Oliveira

**Revisão**  
Edvar Freire Caetano

---

Copyright © 2010, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.  
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

C972h

Cunha, Joceneide.  
História da Cultura Afro-brasileira / Joceneide Cunha,  
Júlio Cláudio da Silva -- São Cristóvão: Universidade  
Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

1. Cultura Afro-brasileira - História. 2. Etonologia. I.  
Silva, Júlio Cláudio da. II. Título.

CDU 39(6+81)(091)

**Presidente da República**  
Luiz Inácio Lula da Silva

**Chefe de Gabinete**  
Ednalva Freire Caetano

**Ministro da Educação**  
Fernando Haddad

**Coordenador Geral da UAB/UFS**  
**Diretor do CESAD**  
Antônio Ponciano Bezerra

**Secretário de Educação a Distância**  
Carlos Eduardo Bielschowsky

**Vice-coordenador da UAB/UFS**  
**Vice-diretor do CESAD**  
Fábio Alves dos Santos

**Reitor**  
Josué Modesto dos Passos Subrinho

**Vice-Reitor**  
Angelo Roberto Antonioli

---

**Diretoria Pedagógica**

Clotildes Farias (Diretora)  
Hérica dos Santos Mota  
Iara Macedo Reis  
Daniela Souza Santos  
Janaina de Oliveira Freitas

**Núcleo de Avaliação**

Guilhermina Ramos (Coordenadora)  
Carlos Alberto Vasconcelos  
Elizabeth Santos  
Marialves Silva de Souza

**Diretoria Administrativa e Financeira**

Edélio Alves Costa Júnior (Diretor)  
Sylvia Helena de Almeida Soares  
Valter Siqueira Alves

**Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais**

Giselda Barros

**Coordenação de Cursos**

Djalma Andrade (Coordenadora)

**Núcleo de Tecnologia da Informação**

João Eduardo Batista de Deus Anselmo  
Marcel da Conceição Souza

**Núcleo de Formação Continuada**

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

**Assessoria de Comunicação**

Guilherme Borba Gouy

---

**Coordenadores de Curso**

Denis Menezes (Letras Português)  
Eduardo Farias (Administração)  
Haroldo Dorea (Química)  
Hassan Sherafat (Matemática)  
Hélio Mario Araújo (Geografia)  
Lourival Santana (História)  
Marcelo Macedo (Física)  
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

**Coordenadores de Tutoria**

Edvan dos Santos Sousa (Física)  
Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)  
Janaina Couvo T. M. de Aguiar (Administração)  
Priscilla da Silva Góes (História)  
Rafael de Jesus Santana (Química)  
Ronilse Pereira de Aquino Torres (Geografia)  
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)  
Vanessa Santos Góes (Letras Português)

---

**NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO**

Hermeson Menezes (Coordenador)  
Arthur Pinto R. S. Almeida  
Carolina Faccioli dos Santos  
Cássio Pitter Silva Vasconcelos  
Edvar Freire Caetano

Isabela Pinheiro Ewerton  
Lívia Carvalho Santod  
Lucas Barros Oliveira  
Neverton Correia da Silva  
Nicolás Menezes Melo

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"  
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze  
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE  
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474



# Sumário

---

AULA 1	
O nascimento dos estudos das culturas afro-brasileiras.....	07
AULA 2	
O nascimento dos estudos das culturas afro-americanas.....	31
AULA 3	
Irmandades negras.....	45
AULA 4	
As festas das irmandades negras .....	61
AULA 5	
Outros divertimentos da população negra.....	77
AULA 6	
Candomblé e outras práticas religiosas dos africanos e dos seus descendentes nos oitocentos .....	93
AULA 7	
Combates pela fé: repressão e resistência aos cultos afrodescendentes no Brasil contemporâneo.....	117
AULA 8	
A capoeira no Brasil .....	133
AULA 9	
As associações negras brasileiras e suas faces femininas.....	149
AULA 10	
Os primeiros anos de atuação de Ruth de Souza e do Teatro Experimental do Negro.....	165



## O NASCIMENTO DOS ESTUDOS DAS CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS

### **META**

Apresentar ao aluno a história da construção e surgimento dos estudos sobre o papel das populações e culturas de origem africana na formação social brasileira, esses estudos ao longo do processo darão origem à temática História e Cultura Afro-brasileira.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

perceber a História e Cultura Afro-brasileira como um conjunto de temas ligados à contribuição do africano e afrodescendentes à formação social, cultural e política do Brasil, fruto de um processo histórico de luta por sua valorização positiva.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Para a primeira aula, o leitor deverá ler a Lei 10.639, as diretrizes curriculares para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira através da resolução 1/2004 CNE/CP.



(Fonte: <http://salto-futurojoinville.zip.net>)

### INTRODUÇÃO

A lei 10639/03 alterou parte da LDB (Lei. 9.394/96) e estabeleceu, através do artigo “26-A”, a inclusão, nos conteúdos programáticos das escolas do ensino fundamental e médio, do estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro na área social, econômica e política e pertinentes à História do Brasil. No ano seguinte foram elaboradas as diretrizes curriculares para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira através da resolução 1/2004 CNE/CP, complementar à Lei 10639/2003. As aulas aqui apresentadas foram preparadas a partir de alguns dos conteúdos sugeridos nessas diretrizes, tais como as histórias das irmandades negras e suas festas, os batuques, os candomblés, a capoeira, o ativismo negro e as suas formas associativas, por fim, nas primeiras aulas você também estudará alguns intelectuais que se debruçaram em estudar essas práticas atualmente chamadas de afro culturais. Desse modo, ao fim das dez aulas você irá perceber que a temática História e Cultura Afro-Brasileira tem uma história. E que a mesma se confunde com as diversas formas de lutas, empreendidas por africanos e os seus descendentes, que vão desde as dedicadas a garantir a vivência de suas práticas culturais até as ligadas à ampliação do exercício da cidadania. Lutas que remontam ao chamado período Colonial e ainda estão presentes no limiar do século XXI.



(Fonte: <http://ocandomble.files.wordpress.com>)

Olá, caro aluno! Seja bem vindo ao nosso primeiro encontro onde recuperaremos alguns aspectos da história do nascimento dos estudos das culturas de origem africana no Brasil, ou, se preferirmos o termo de época, do Nascimento dos Estudos Afro-brasileiros. Segundo a enciclopédia livre Wikipédia a Cultura Afro-brasileira pode ser definida como “o resultado do desenvolvimento da cultura africana no Brasil” somada as influências das matrizes culturais indígenas e portuguesas. Assim, às culturas de origens africanas manifestam-se através de diversas expressões tais como a literatura, a religião, a arte, a culinária, a capoeira, a música, a dança, entre outras ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura\\_afro-brasileira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_afro-brasileira), visitado em 28/12/2009).

Nesta aula visitaremos dois eventos emblemáticos para a observação do processo de organização e sistematização das pesquisas dos Estudos afro-brasileiros a partir dos congressos afro-brasileiros do Recife e da Bahia. Esses espaços de sociabilidades intelectual, assim como seu tema de estudo, estão atravessados pelas dimensões acadêmicas e políticas, o anti-racismo. Em duas oportunidades essas dimensões ficam mais explícitas, na inauguração das atividades do Movimento dos Intelectuais Brasileiros Contra o Preconceito Racial e no artigo os Estudos Negro-Brasileiros.

Os estudos sobre as populações e culturas de origem africana surgiram no século XIX em um contexto de reflexão acerca da identidade de uma nação constituída por negros, índios e brancos. A resultante do encontro da então denominada três raças humanas foi uma questão a ser elucidada pela intelectualidade brasileira do século XIX e das primeiras décadas do XX. Refletindo o surgimento do Brasil como país independente de Portugal, o debate acerca da formação social brasileira pode ser identificado já em 1838, quando, no Rio de Janeiro, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), ligado à aristocracia local e ao Imperador. A instituição teve por responsabilidade escrever a história da nação recém criada, bem como forjar uma memória nacional capaz de separar o destino brasileiro do português (SCHWACZ, 1993, p24).

Na década de 1870 emerge no Brasil um “novo espírito crítico”, que tem na importação das teorias raciais europeias, parte de sua renovação intelectual. Os intelectuais brasileiros, a partir daquela década, desenvolveram suas pesquisas baseados nas idéias de homens como Comte, Darwin, Taine, Renan, entre outros. Positivismo, evolucionismo e materialismo são temas que perpassam as ideias dos intelectuais deste período. Possuindo em comum a preocupação de pensar os impasses e perspectivas de uma nova nação brasileira, estes homens da ciência procuraram formular estudos gerais capazes de forjar uma “lógica para a nação” em que se destacam o peso das três raças na compreensão do cenário nacional (SKIDMORE, 1989, p. 26).

Fatores de natureza política sempre influíram diretamente sobre as concepções dos intelectuais que analisaram a formação social brasileira e

na segunda metade do século XIX não seria diferente. Ao longo dos últimos cinquenta anos dos oitocentos são travados debates políticos que anunciam o fim da escravidão no Brasil. Por outro lado, os anos que antecedem à assinatura da Lei Áurea foram marcados por conflitos sociais como fugas de escravos, participação popular nas disputas abolicionistas e republicanas. Tendo esse clima de tensão social se prolongado após a abolição e o início da República. São tempos em que as agitações populares suscitam para a elite da época a formulação de novos padrões de disciplinalização social (AZEVEDO, 1987; CHALHOUB, 1996, 1990; MATTOS, 1995; SCHWARCZ, 1987; SKIDMORE, 1989). O pensamento racista no Brasil emerge neste contexto: no momento em que o escravo se transforma em homem livre. E alguns intelectuais pensaram esta passagem como sendo a da condição servil, escravos para a categoria analítica, negros (CORRÊA, 1998, p. 64-65).

Para Silvio Romero, João Rodrigues e Nina Rodrigues, nomes de relevo neste período, o negro não deveria ser examinado do ponto de vista estritamente econômico, mas científico. E deveria estar relacionada à questão social e à sua influência na formação do povo (SCHWARCZ, 1993, p. 11-42). Ao utilizarem teorias sobre a inferioridade das raças não brancas e de culturas não europeias, esses intelectuais debateram o futuro do país, vislumbrando os possíveis malefícios da mestiçagem e os prognósticos do branqueamento.

Um dos expoentes da geração de 1870, Silvio Romero, em seu livro *História da Literatura Brasileira*, 1888, além de analisar a literatura como fenômeno social, preocupa-se em pensar o espírito ou caráter do povo brasileiro, buscando identificar a unidade dos “três povos” que mesclando-se “deu origem a um novo povo” cuja originalidade estaria na identidade mestiça. Utilizando-se de elementos próprios às teorias pseudo-científicas em voga no período e revelando os pressupostos evolucionistas de sua época, Romero pensa o negro em uma escala superior ao índio e inferior ao branco (ROMERO, S/D)

Ainda em 1888 **Silvio Romero** publica os *Estudos Sobre a Poesia Popular no Brasil* e critica os especialistas brasileiros por não se dedicarem ao estudo do negro no Brasil, sobretudo o africano. Os acusa de ignorarem a problemática apesar do fácil acesso ao possível objeto de análise. Nossos estudiosos apesar de terem a matéria em casa, “a África em nossas cozinhas,” mesmo assim não estudavam o negro. O que para Romero soava como um contra-senso, já que fora do Brasil haveria especialistas que se dedicavam há décadas a estudar o negro no interior da África. Como tema de pesquisa, Romero defende o estudo das línguas e religiões africanas, uma vez que naquela altura já se teria dado há muito a “benéfica extinção do tráfico”, atentando ainda, para o fato de benguelas, moçambiques, monjolos, cabindas, caçangas estarem morrendo. Em sua análise o negro não é só uma “maquina econômica”, a racionalidade da intelectualidade da época lhe reserva um outro papel, substituto ou complementar, talvez, “malgrado a sua ignorância”: ser “um objeto da ciência” (ROMERO, 1888, p.10-11).

### Silvio Romero

Nasceu em Lagarto em 1851, Província de Sergipe. Estudou na Faculdade de Direito do Recife, publicou inúmeros livros dentre eles *História da Literatura Brasileira*, *Parnaso sergipano*, *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*, dentre outros

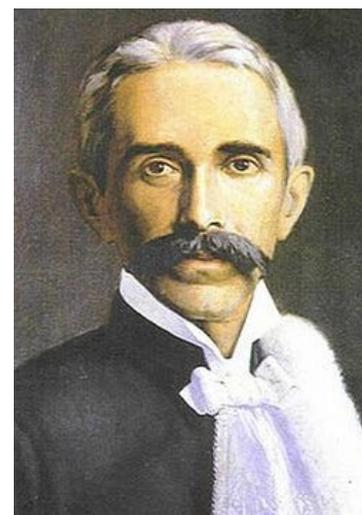
Estudo Sobre a Poesia Popular no Brasil, de Silvio Romero nos permite aproximá-lo a Nina Rodrigues, [Nina Rodrigues nasceu a 4 de dezembro de 1862 na Vila Manga (hoje Vargem Grande) no estado do Maranhão e faleceu no dia 17 de julho de 1906, em Paris. Médico, foi professor de medicina legal da Faculdade de Medicina da Bahia e o grande precursor dos estudos científicos das populações e culturas de origem africanas no Brasil no que se refere ao modo como perceberam a relevância do negro como objeto de estudo. Não por acaso a passagem em que Romero critica a ausência de dedicação dos especialistas brasileiros aos estudos do negro no Brasil será estampada como epígrafe do livro de Nina Rodrigues Os Africanos no Brasil em 1906.

Ele lamenta a falta de estudos consistentes sobre “as línguas e das religiões africanas” em um momento em que há estudiosos no mundo que passam dezenas de anos no centro da África estudando línguas e coligindo mitos “nós que temos o material em casa, que temos a África em nossas cozinhas”. E mais, o africano e seus descendentes não seriam só uma “máquina econnômica; ele é antes de tudo, e malgrado sua ignorancia, um objeto da ciencia”. (NINA RODRIGUES, 1977, p.XV).

Raymundo Nina Rodrigues viveu entre 1862 e 1906, médico e Catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, foi um dos primeiros antropólogos brasileiros a estudar o “problema do negro” no Brasil. Desenvolveu estudos etnográficos dedicados ao negro que abrangeram os campos da etnologia afro-brasileira e da medicina legal, tornado-se o principal doutrinador racista brasileiro na virada do século XIX para o século XX.

Em Os Africanos no Brasil o negro foi pensado como um problema a ser enfrentado objetivamente. Para Nina Rodrigues haveria uma idealização na abordagem do papel do negro na sociedade brasileira que a ciência deveria dissipar. O problema residiria na simpatia ou ódio de uma geração, que impediria a percepção da inferioridade intrínseca “a raça negra no Brasil”. Esta conclusão de Nina Rodrigues se baseava na noção de que o negro não pertenceria à mesma “fase do desenvolvimento intelectual e moral” que o branco (NINA RODRIGUES, 1977, p.01-07). Assim, para além dos incontáveis serviços à nossa formação social, do revoltante abuso da escravidão, a “rala negra” “há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo” (NINA RODRIGUES, 1957, p.7).

Em As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil, 1894, Nina Rodrigues faz uma relação entre as diferenças físicas, psicológica, cultural e moral entre as raças e a criminalidade. Por conseguinte defende a imputabilidade penal diferenciada e compatível ao estágio evolutivo atingido por cada raça humana. Isso se explicaria porque uma ação considerada criminosa por uma raça, poderia não ser para outra. Nina Rodrigues também preocupou-se em mostrar como a mistura racial poderia dificultar a ordem legal, podendo o mestiço tornar-se uma fonte quase natural de crimes.



Nina Rodrigues  
(Fonte: <http://blogs.opovo.com.br>).

No Brasil o ideal de branqueamento foi marcado pela “polissemia do mestiço” (LIMA, 1994) e está presente na discussão em torno da construção de uma identidade nacional entre a última década do século XIX e os anos subsequentes à Segunda Grande Guerra. A violência impactante da Primeira e Segunda Guerra provocou uma redefinição nos valores e concepções dos homens desta época, tornando-as marcos de ruptura e redefinição de novos padrões culturais e, sobretudo, de uma nova noção de nação brasileira.

Um dos resultados da Primeira Grande Guerra foi ter marcado a década de 1920 com um nacionalismo próprio, que se fez notar no Modernismo Brasileiro através de uma estética pautada em uma nova descoberta do Brasil, suas terras, suas gentes, seus falares e viveres. Atentos às vanguardas europeias, valorizando o folclore e a temática regional, os intelectuais nos anos vinte trazem uma nova noção de nação e de cultura nacional, para o centro das reflexões de sua época, em que se destaca a contribuição dos seus elementos formadores (SKIDMORE, 1989, p.198).

Especificamente sobre os estudos etnográficos e antropológicos do negro no Brasil entre 1870 e 1930 é necessário algumas observações. Até à Primeira Grande Guerra Mundial havia na América Latina, e particularmente no Brasil, a ausência de uma ciência social organizada. Medicina, Engenharia e Direito eram as formações de nível superior possíveis em solo brasileiro. Apesar dessa peculiaridade da organização das universidades brasileiras, a Antropologia Física foi uma das primeiras disciplinas reconhecidas para além daquelas três formações, já referidas, desenvolvendo-se nas faculdades de medicina.

Os estudos etnográficos e antropológicos sobre o negro- defendidos e iniciados por Silvio Romero e João Ribeiro aprofundados nas pesquisas de Nina Rodrigues- serão retomados de modo sistemático nas décadas de 1930 e 1940. Neste momento, o “problema negro-brasileiro” irá adquirir novos contornos, mostrando-se, ao mesmo tempo, influenciado e também influenciando a disputa no contexto internacional em torno do rompimento do paradigma racial até então predominante e sua substituição pelo paradigma culturalista.

### **HISTÓRIAS DO 1º CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO DE RECIFE (1934)**

O 1º. Congresso Afro-Brasileiro, ocorrido na cidade do Recife no ano de 1934, foi uma atividade acadêmica que pode ser tomado como ponto de partida para observarmos o processo de ampliação e sistematização dos então chamados Estudos Afro-Brasileiros. Este evento foi marcado por uma grande participação de intelectuais, gerando debates e disputas em torno das interpretações do papel das populações e culturas de origem africana na sociedade brasileira, a partir de temas como culinária, religião, folclore, linguística, entre outros. Dentre os vários intelectuais que enviaram trab-

alhos e/ou participaram do evento estão Arthur Ramos, Edson Carneiro, Gilberto Freyre, Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Melville J. Herskovits, entre outros (FREYRE, 1935).

“O Congresso do Recife foi, ainda, o mais independente dos congressos. Não recebeu nenhum favor do governo. Não se associou a nenhum movimento político, a nenhuma doutrina religiosa, a nenhum partido” (Freyre, 1937). A definição do evento formulada por Gilberto Freyre foi uma tentativa de circunscrever a dimensão política, o antiracismo, que perpassou os trabalhos do Congresso de 1934 e as reflexões da intelectualidade a ele ligada. A valorização de sua dimensão acadêmica é perceptível nas primeiras páginas de suas Atas.

No prefácio das Atas do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife, de 1934, **Roquette-Pinto** realça a importância do Congresso e dos estudos sobre o “negro”, sendo ambas iniciativas atribuída a Gilberto Freyre. Posteriormente, Thomas Skidmore sublinhou a relevância daquele período ao avaliar os estudos etnológicos e sociológicos acerca dos africanos e afrodescendentes e afirmar: “Nada se publicou de vital importância até a década de 30” (SKIDMORE, 1989, p.74 e 204). Para Roquette-Pinto, nos últimos vinte e cinco anos não teria havido quem se lançasse ao estudo do negro no Brasil, salvo dois ou três discípulos de Nina Rodrigues, Braz do Amaral, Manoel Querino e pouco mais. Duas condições retardaram especialmente o estudo dos elementos africanos incorporados à nacionalidade.” (FREYRE, 1935, p.III-IV).

Ao buscar uma explicação para o retardo do “estudo dos elementos africanos incorporados à nossa nacionalidade”, Roquette-Pinto revela a inexistência da antropologia e da etnografia no Brasil, sem que com isto deixe de propor uma direção ou encaminhamento para o problema— a construção da disciplina, ou em suas palavras, “um programa” de estudos Afro-Brasileiro:

“A revisão da bibliografia, a coordenação do que há impresso, a publicação de alguns documentos que não existem nos cartórios e nas igrejas de algumas vilas e cidades de província, uma viagem de estudos às regiões africanas de onde vieram os negros, buscas em arquivos europeus e mesmo sul-americanos, pesquisas somáticas raciais, pesquisas demográficas e etnográficas nos Estados onde ainda hoje existem descendentes mais próximos de africanos - eis um programa - começado brilhantemente neste volume” (FREYRE, 1935, p.I).

**Arthur Ramos** em seu livro *A Introdução à Antropologia Brasileira*: as culturas não européias, 1940, ainda ocupou-se com a definição de uma linhagem intelectual dos estudos antropológicos sobre as populações e culturas de origem africana no Brasil. Na sua avaliação, estes teriam se iniciado na Faculdade de Medicina da Bahia, por Nina Rodrigues que com isso teria

### Edgar Roquette-Pinto

Nasceu no dia 25 de setembro de 1884 na cidade do Rio de Janeiro e faleceu em 18 de outubro de 1954. Diplomado em medicina em 1905, pesquisou ciências naturais e indigenismo. Foi professor assistente de antropologia do Museu Nacional e foi Membro da ABL.



**Arthur Ramos**

Professor Catedrático em Antropologia e Etnologia na Universidade do Brasil (UFRJ) e diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO (1903-1949), *O Negro Brasileiro e As Culturas Negras no Novo Mundo*.

se tornado “marco basilar” desta temática. A partir deste “marco”, o autor divide os estudos desta temática em três fases: a fase pré-Nina Rodrigues, a fase de Nina Rodrigues e a pós-Nina Rodrigues (RAMOS, 1943, p.15-16). Em artigo de balanço, publicado em 1942, Mário de Andrade avalia o grau de importância dos Congressos Afro-brasileiros. “Finalmente há que lembrar o congresso afro-brasileiro, cuja instituição se deve ao Prof. Gilberto Freyre, realizado já duas vezes, a primeira no Recife em 1934 e a segunda na Cidade de Salvador em 1937.” (ANDRADE, 1948, 292).

### Mário de Andrade

Nasceu na capital do estado de São Paulo, em 9 de outubro de 1893 e faleceu em 25 de fevereiro de 1945. Foi poeta ficcionista, musicista, esteta, crítico de artes e letras e folclorista. Fundou o Departamento de Cultura, a Discoteca Pública, o curso de etnografia e folclore. Foi Professor da Universidade do Distrito Federal e prestou colaboração ao Serviço de Patrimônio Histórico e ao Instituto Nacional do Livro.

Está presente na ação desses estudiosos suas intenções em transformar suas produções em marcos históricos, ora como herdeiros, ora como fundadores de tradições intelectuais. Não podemos esquecer terem sido as décadas de 1930 e 1940 um momento de constituição de um campo intelectual dos estudiosos do folclore e da etnografia, bem como da institucionalização desses estudos. Como parte constituinte desse processo de construção acadêmica teria havido um empenho desses atores em demarcar os seus espaços de atuação enfatizando suas contribuições. Nessa arena de disputas, ao iluminar um tipo específico de produção, ou sua própria contribuição, esses atores relegam ao ostracismo as abordagens de outros intelectuais, seus temas e, por extensão, a relação desses estudos com o acontecer social daquele momento.

Uma das principais características dos estudos afro-brasileiros e seus congressos foi a multiplicidade de temas e abordagens epistemológicas. Para os intelectuais das décadas de 1930 e 1940, refletir acerca do papel das populações e culturas de origem africana na formação social brasileira significava debruçar-se sobre temas como o folclore, a literatura, a língua, a religião, a história, a saúde, a condição social, a arte (escultura, música, teatro), a culinária e a educação. Ou seja, tratar do ponto de vista acadêmico de temáticas passadas pela dimensão política.

Relação de trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro de 1934 e seus autores.

O negro no folk-lore e na literatura do Brasil (Renato Almeida)

Ensaio etno-psiquiátrico sobre negros e mestiços (Cunha-Lopes e J. Candido de A. Reis)

Vocabulário Nagô (Rodolfo Garcia)

Contribuição ao estudo do índice de Lapicque (Bastos de Avila)

Calunga dos Maracatus (**Mário de Andrade**)

Os mitos de Xangô e sua degradação no Brasil (Arthur Ramos)

Os negros na história de Alagoas (Alfredo Brandão)  
As doenças mentais entre os negros de Pernambuco (Ulysses Pernambuco)  
Longevidade: sua relação com os grupos étnicos da população (L. Robalinho Cavalcanti)  
Três séculos de escravidão na Paraíba (Adhemar Vidal)  
Abolição e suas causas (Jovelino M. de Camargo Jr)  
Grupo sanguíneo da raça negra (Abelardo Duarte)  
A República de Palmares (Mario Mello)  
O recém nascido branco, negro e mulato (J. Robalinho Cavalcanti)  
O trabalhador negro no tempo do bangüê comparado com o trabalhador negro no tempo da usinas de açúcar (Jovino da Raiz)  
Procedência negra no Novo Mundo (Melville Herskovits)  
Alimentação e estado nutricional (Ruy Coutinho)  
O problema da tuberculose no preto e no branco e relações de resistência racial (Álvaro de Faria)  
A arte do bronze e no pano em Dahomé (Melville Herskovits)  
Situação do negro no Brasil (Edison Carneiro)  
As seitas africanas no Recife (Pedro Cavalcanti)  
Receitas e quitutes afro-brasileiros (Apresentados ao Congresso Afro-Brasileiro do Recife pela Ialorixá Santa e pelos Babalorixás Oscar Almeida e Apolinário Gomes)  
Nota antropológica sobre os mulatos pernambucanos (Geraldo de Andrade)  
Toadas de Xangô (Recolhida para o Congresso Afro-Brasileiro do Recife pelo Prof. Ernani Braga)  
Discurso do representante da Frente Negra Pelotense (Miguel Barros)

Fonte: FREYRE, Gilberto. Estudos Afro-Brasileiros (Prefácio de Roquette-Pinto). Rio de Janeiro, Ariel, 1935. p. 273-275

Relação de trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro de 1934 e seus autores.

Aspectos da influência africana na formação social do Brasil (Rodrigues de Carvalho)  
Notas sobre o catimbó (Luís da Câmara Cascudo)  
Uma escrava original (Carlos Pontes)  
Xangô (Edson Carneiro)  
Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil (Viúva Juliano Moreira)  
Estudos biotipológicos de negros e mulatos brasileiros normais e delinquentes (Leonídio Ribeiro, W. Bernadinelli e Issac Browns)

A Inglaterra e o tráfico (Jovelino M. de Camargo Jr)  
A maconha em Pernambuco (Jarbas Pernambucano)  
Musicalidade do escravo negro no Brasil (Nair de Andrade)  
A situação do negro sob o domínio holandês (J. A. Gonçalves de Mello Neto)  
Fizeram os negros teatro no Brasil? (Samuel Campelo)  
Deformações de corpo dos negros fugidos (Gilberto Freyre)  
Ohum Èniadúdu (Jacques Raymundo)  
Alguns dados antropológicos da população do Recife (Ulysses Pernambucano, Arnald de Lascio e Almir Guimarães)  
“Biblioteca do povo” e “Coleção moderna” (Jorge Amado)  
A mestiçagem no Brasil como fator eugênico (A. Austregésilo)  
O negro em nosso meio escolar (Bastos de Avila)

Fonte: FREYRE, Gilberto. *Novos Estudos Afro-Brasileiros* (Prefácio de Arthur Ramos). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.

Os prefácios das atas dos congressos e dos livros sobre os estudos afro-brasileiros de 1934 e 1937 foram espaços privilegiados para publicação de posicionamentos acadêmicos e políticos e revelam como a dimensão política do tema esteve mais explícita no 2<sup>a</sup> Congresso. Nas Atas do Congresso do Recife não existe uma referência explícita em relação à atuação das associações negras. Mas lá estão registradas as presenças de três representações daqueles movimentos sociais: o intelectual ativista Edson Carneiro, os líderes religiosos Ialorixá Santa e os Babalorixás Oscar Almeida e Apolinário Gomes e por fim o representante da Frente Negra Pelotense, Miguel Barros.

Os registros do funcionamento dos espaços de sociabilidade dos especialistas nos estudos afro-brasileiros nas décadas de 1930 e 1940 revelam um contato recorrente destes com os membros das “associações negras contemporâneas”. Nesta relação, coube aos intelectuais garantir a legitimidade das ações e reivindicações de movimentos sociais, entre as quais a liberdade ao culto religioso. Talvez isso explique a razão de especialistas nos estudos afro-brasileiros, sobretudo, nos estudos de religiões de origem africana, estabelecerem essas aproximações ou relações de solidariedade com esses atores sociais.

### **O ANTI-RACISMO DOS ESPECIALISTAS NOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS**

Rio de Janeiro 10 de outubro de 1935, nesse dia ocorreu a seção inaugural do Movimento Brasileiro Contra o Preconceito Racial. O evento contaria com onze oradores, o Professor Inácio do Amaral, o Professor Arthur Ramos,

Dr Roquette Pinto, professor Castro Rebello, Dr Victor Vianna, professor Azevedo Amaral, professor Queiroz Lima, professor Joaquim Pimenta, professor Hermes Lima, professor Porto Carrero e o professor Leônidas de Rezende. Provavelmente no dia 10 de outubro ocorreu o lançamento do “Manifesto dos Intelectuais Brasileiros Contra o Preconceito Racial” um documento assinado por todos os oradores listados na missiva— exceto Gilberto Freyre cujo nome é citado somente na lista dos signatários.

O Manifesto de 1935 é a expressão de uma tomada de posição política feita por seus signatários, a saber. Combater o “racismo político”, desenvolver e dar um tratamento científico aos estudos dos diferentes “grupos étnicos”, preservar o ideal de nação brasileira, a “unidade da família brasileira” (RAMOS, 1943, p. 171).

Segundo François Sirinelli os intelectuais se organizam a partir de uma identidade ideológica ou cultural e afinidades difusas: as estruturas de sociabilidade. O meio intelectual possui um núcleo central no qual os laços (entre os atores) se atam ou desatam. Os manifestos e os abaixo-assinados também podem ser pensados como estruturas de sociabilidade, pois, além de permitirem aos signatários perceberem-se, possuem a força de adesão e de exclusão. (SIRINELLI, 1998, p. 231-269). Quem sabe, os manifestos e os abaixo-assinados podem funcionar como um instrumento para se aferir o alcance e os limites de determinados compromissos assumidos em um campo intelectual de reflexão acerca dos grupos formadores de uma sociedade em um dado momento? O Manifesto de 35 é a expressão de como os estudos afro-brasileiros, e seus especialistas estavam vinculados ao antirracismo. E como as suas preocupações e posicionamento anti-racistas refletiam às agruras daquele tempo: o período entre guerras, 1918 a 1939. Os desequilíbrios decorrentes da Primeira Guerra provocaram forte impacto nas reflexões acerca do pensamento social e político, dando, pois, o tom do Manifesto. Nesse sentido, o posicionamento expresso no documento busca dissipar as confusões de ideias geradoras de distorções e teorias pseudo-científicas. Os intelectuais comprometidos com o antirracismo tornam público seus compromissos em garantir o tratamento científico aos estudos dos diferentes grupos étnicos formadores da sociedade brasileira. Contrapõem-se aos partidários de ideias e análise racistas de base científicista definindo-as como racismo político. E assumem o atributo de encaminhar os estudos científicos dos traços diferenciadores dos grupos étnicos, sob o ponto de vista antropológico, refutando os estudos produzidos a partir de uma ideologia política de orgulho e depreciação racial. Para os signatários do Manifesto de 35 o racismo político era uma perversão de ideias científicas e representava uma ameaça à harmonia social brasileira. As décadas de 30 e 40 constituem um dos momentos de redefinição do conceito de nação: “Esse perigo assume proporções particularmente graves no caso de nações, cuja formação étnica é acentuadamente heterogênea, como precisamente

acontece no Brasil” (SILVA, 2005, p.32). Portanto, o Manifesto é a expressão do acordo fundamental estabelecido por seus signatários.

O antirracismo presente nos Estudos Afro-Brasileiros e na trajetória intelectual de alguns de seus principais especialistas possibilitou a interlocução acadêmica e política entre os pesquisadores estabelecidos ou em ascensão com os intelectuais ativistas dos “movimentos negros”, nos seus espaços de sociabilidade intelectual. Podemos acompanhar essa aproximação, em especial, no Congresso afro-brasileiro da Bahia, 1937, nas Comemorações do Cinquentenário da Abolição da Escravidão de São Paulo, 1938, as preparações das celebrações pelo Cinquentenário do Fim do Tráfico Negro, 1º Conferência Nacional do Negro no Rio de Janeiro de 1949, o 1º Congresso do Negro Brasileiro no Rio de Janeiro de 1950 (SILVA, 2005).

### **HISTÓRIAS DO 2º CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO DA BAHIA (1937)**

O 2º Congresso Afro-Brasileiro da Bahia, ocorreu entre os dias 11 e 20 de janeiro de 1937. Apesar das previsões de insucesso por parte de Gilberto Freyre que colocara em dúvida a capacidade de Edson Carneiro e Aydano do Couto Ferraz em organizar o evento. Os autores registraram a celeuma no texto “Congresso Afro-Brasileiro da Bahia”, prefácio à publicação das Atas do Congresso, publicado sob o título de O Negro Brasileiro: “um Congresso de africanologia para ser levado a efeito com reais proveitos para esses estudos, precisava ter à frente um Gilberto Freyre” (CARNEIRO & FERRAZ, 1940, p.7). Para os “incrédulos da Bahia”, os então rapazes não teriam condições de promover um evento à altura do Congresso de 1934.

Gilberto Freyre teria externado suas preocupações quanto ao insucesso do Congresso de 1937 “em entrevista ao ‘Diário de Pernambuco’”. Sem a legitimidade necessária, para o Congresso da Bahia teria a abstinência de colaboradores do exterior, entre os quais Melville Herskovits. Mas aquela altura Herskovits já teria enviado “o seu substancioso trabalho que vem nesse volume” (CARNEIRO & FERRAZ, 1940, p.7).

O artigo “Congresso Afro-Brasileiro da Bahia” é uma declaração autor-referente na qual Carneiro e Ferraz definem o Congresso como uma realização de relevo da chamada Escola Nina Rodrigues. Seu êxito é creditado: “à equipe de novos que a integram”. Ao mesmo tempo, o discurso dos autores revela ter sido a cientificidade do evento uma preocupação constante. O Congresso de 37 teria um “caráter rigorosamente científico”. Contudo, desprovido de certos aspectos formais, “sem nenhum protocolo nem discurso”, tal qual teria sido o seu antecessor: o Congresso do Recife (CARNEIRO & FERRAZ, 1940, p.7), mas legitimado por uma rede de solidariedade intelectual com articulação no Brasil e no exterior, ou seja, inserida em um sistema intelectual internacional.

A cientificidade do Congresso de 1937 foi um ponto recorrente nos argu-



Figura 1 Arthur Ramos foi médico psiquiatra, psicólogo social, etnólogo, folclorista e antropólogo brasileiro e foi um dos grandes intelectuais de sua época. Fundou a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnografia, em 1941 e era Chefe do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO.

(Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>)

Figura 2 Edson Carneiro foi um escritor baiano especializado em temas afro-brasileiros.

(Fontes: <http://soteropolitanosculturaafro.files.wordpress.com>)

mentos dos organizadores. Provavelmente tal defesa teria sido um contraponto ao caráter político intrínseco a esse tipo de evento e aos temas neles debatidos. Os Congressos de 1934 e 1937 são cenas do processo de valorização positiva das populações e culturas de origem africana na formação social brasileira ocorrido nos anos 30 e 40. Nesse sentido, ganha peso a participação e o apoio de especialistas no tema, de renome internacional como Arthur Ramos e Melville Herskovits.

#### Relação de trabalhos apresentados no 2º Congresso Afro-Brasileiro de 1937

Deuses africanos e santos católicos nas crenças do Negro no Novo Mundo (Melville J. Herskovits)

Costumes e práticas do Negro (Ademar Vidal)

Uma revisão da etnografia religiosa afro-brasileira (Edson Carneiro)

O moleque no canavial (Clovis Moura)

Um sistema de referências para o estudo dos contatos raciais e culturais (Donald Pierson)

O Negro e a cultura no Brasil (Renato Mendonça)

Contribuições bantus para o sincretismo fetichista (Reginaldo Guimarães)

O ainhum nos mundos de escravos fugidos (Robalinho Cavalcanti)

Culturas negras: problema de aculturação no Brasil (Arthur Ramos)

Raça e classe na Bahia (Donald Pierson)

A liberdade Religiosa no Brasil: macumba e o batuque em face da lei (Dário de Bittencourt)

O médico dos pobres (Edson Carneiro)

Influência da mulher negra na educação do brasileiro (Amanda Nascimento)

Castro Alves e a poesia negra da América (Aydano do Couto Ferraz)  
Os ministros de Xangô (Prof. Martiniano do Bonfim)  
A concepção de Deus entre os negros yorubás (Ladipô Sôlankê).  
O negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio grande do Sul (Dante Laytano)  
Documentos antigos sobre a Guerra dos negros palmarinos (Alfredo Brandão)  
Danças Negras no nordeste (Manuel Diegues Júnior)  
Presença africana na música nacional de Cuba (Salvador Garcia Agüero)  
Elogios de um chefe de seita (Jorge Amado)  
Homenagem a Nina Rodrigues (Edson Carneiro)  
Nina Rodrigues e os estudos negro-brasileiros (Arthur Ramos)

Fonte: CARNEIRO, Edison & FERRAZ, Aydano do Couto. O Negro no Brasil: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro reunido (Bahia) de 1937. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1940, p7.

A legitimidade de um evento, como o 2º Congresso Afro-Brasileiro da Bahia, poderia ser medida através da participação ou da expressão de apoio feita pelos intelectuais “referentes”. Um intelectual fazia parte de um evento quando o seu trabalho era apresentado pessoalmente ou lido por uma outra pessoa. Na impossibilidade dessas duas opções haveria ainda uma terceira: o apoio ao evento. Nesse caso “quando, por uma questão de brevidade de tempo, não lhe pudessem enviar trabalhos” (CARNEIRO & FERRAZ, 1940, p.8) os especialistas faziam referências ao evento, as quais poderiam ser interpretadas como uma forma de apoio. Nesse sentido, seria uma contribuição possível ao processo de construção da legitimidade do evento. No caso do Congresso de 1937, esse tipo de apoio teria sido dado por Rüdiger Bilden, Fernando Ortiz, Richard Pathe. Portanto, ainda que não tenha havido a participação direta desses especialistas envolvidos com o processo de construção, ampliação e sistematização dos estudos acerca das contribuições das populações e culturas de origem africana nas Américas, o Congresso estaria sendo visto internacionalmente como parte integrante desse processo.

Entre os colaboradores diretos atuantes na rede de solidariedade intelectual, ligada à organização do 2º Congresso Afro-Brasileiro da Bahia, destacou-se a figura de **Donald Pierson**. Na definição dos organizadores do evento, o Professor da Universidade de Chicago teria sido o “companheiro de todos os minutos em nossas excursões científicas e nos trabalhos de organização do Congresso” (CARNEIRO & FERRAZ, 1940, p.8).

A ampla rede de solidariedade, sobre a qual se assentara o 2º Congresso Afro-Brasileiro, era formada também pelo apoio de instituições religiosas e laicas. Assim como em 34, os “terreiros” da Bahia teriam participado do Congresso de 37. Mas neste último ficou registrado oferecimento de festas

### Donald Pierson

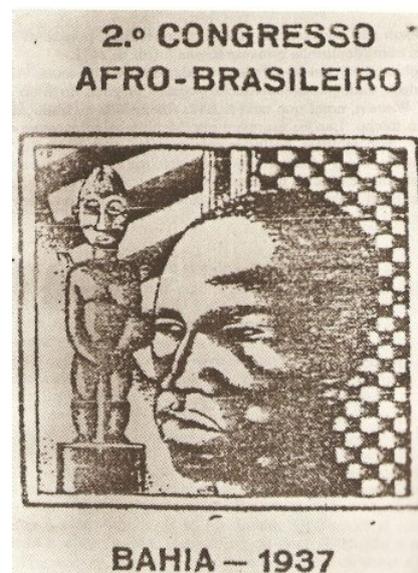
Sociólogo norte americano, nasceu em 1900 nos Estados Unidos e faleceu em 1995, naquele país. Obteve doutorado na Universidades de Chicago, em 1939 sobre as relações raciais na Bahia. Foi professor da Escola de Sociologia e Política da USP. Entre as suas principais obras estão *Cruz das Almas: A Brazilian Village (1951)*; *Race Relations in Portuguese America (1955)*; *Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia (1942)*.

aos congressistas. O Axé de Apo Afonjá, do Engenho Velho, “o mais velho ‘terreiro’ do Brasil”, teria oferecido uma delas. E outras festas teriam sido dadas pelos terreiros de Procópio, de Bernadino e do Alaketu (CARNEIRO & FERRAZ, 1940, p.8).

Não menos importante parece ter sido a “ajuda” oferecida por instituições laicas tais como o Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, então sob a direção de Mario de Andrade; do Instituto Histórico da Bahia, presidido por **Theodoro Sampaio** e do Instituto Nina Rodrigues, dirigido por **Estácio de Lima**. Ao citarem o apoio do Instituto Nina Rodrigues os autores pontuam o reconhecimento de sua primazia nos estudos afro-brasileiros: o Instituto Nina Rodrigues era “então unanimemente reconhecido como o pioneiro dos estudos africanos no Brasil”. O Congresso da Bahia teria contado ainda com a colaboração internacional do All African Convention. (CARNEIRO & FERRAZ, 1940, p.9).

O Congresso Afro-Brasileiro de 1937 teria contado com o apoio explícito de organizações, definidas por Arthur Ramos como “Associações Negras Contemporâneas”. Portanto, ainda que os autores defendam a tese da cientificidade, como parte da estratégia de construção do argumento legitimador do evento e suas propostas, o Congresso da Bahia foi marcado pelas suas vinculações com aquelas associações constituintes de um antigo movimento social. Destarte, é possível concluir estarem tanto os organizadores do evento como, pelos menos, parte dos congressistas, orientados por motivações acadêmicas strictu sensu, as quais, ao mesmo tempo eram perpassadas pela dimensão política. Ao que parece os estudos afro-brasileiros e afro-americanos foram construídos, em certa medida, com vinculações e como parte das reivindicações e demandas dos movimentos sociais do Brasil e em outras partes das Américas (SILVA, 2005).

Entre as agremiações nacionais com as quais os organizadores do Congresso da Bahia contaram estavam: “a Frente Negra de Pelotas, o Centro de Estudos Históricos, a Sociedade de Investigação Ameríndias de Porto Alegre, dentre outras agremiações dedicadas ao “estudo e defesa da raça”. Como já sinalizamos, fazia parte da estratégia de construção de legitimidade dos congressos afro-brasileiros, a defesa de seu caráter científico. Contudo, o discurso desses intelectuais, associado à recorrente defesa da cientificidade daquele certame, revelavam atitudes e motivações políticas, muitas vezes embasada nas pesquisas em construção, no interior do campo de estudo Afro-Brasileiro (SILVA, 2005).



Cartaz desenhado por Tomás Santa Rosa In: LIMA, Vivado da C. & OLIVEIRA, Waldir Freitas. Cartas de Edison Carneiro a Artur Ramos, de 4 de janeiro de 1936 a 6 de dezembro de 1938. Salvador: corrupio, 1997. P.134

### Theodoro Sampaio

Nasceu em Santo Amaro em 7 de janeiro de 1855 e faleceu no Rio de Janeiro em 19 de outubro de 1937. Historiador, geógrafo, geólogo, cartógrafo, diplomata e engenheiro.

### Estácio de Lima

Nasceu em Marechal Deodoro, Alagoas em 11 de junho de 1897. Foi ensaísta, contista e poeta. Diplomou-se em direito e medicina, foi professor catedrático da Faculdade de Direito da UFBA, da Escola de Medicina e Saúde Pública. Professor emérito da UFBA e membro da Academia de Letras da Bahia.

Ao fim do “Congresso Afro-Brasileiro da Bahia, os autores irão explicitar parte dos objetivos do encontro “científico e popular” e a seguir, mais uma vez, defender a tese da cientificidade que marcara aquele evento: “Trabalho de pesquisa científica requerendo, por isso nenhuma participação partidária”. O Congresso da Bahia teria contribuído para a ampliação da compreensão acerca da “necessidade da liberdade” dos cultos religiosos de origem africana. Através da “reabilitação social do negro brasileiro” o certame cumpriria a sua relevância social (CARNEIRO & FERRAZ, 1940, p.11). Convém enfatizar que a luta pela liberdade das religiões afro-descendentes no século XX será abordada no capítulo sete.

As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas pela defesa e sistematização, no âmbito acadêmico, do estudo das populações e culturas de origem africana e ao mesmo tempo pela redefinição de um novo conceito de nação. Na comunicação “Elogio de um chefe de seita”, **Jorge Amado** (1912- 2001), ressalta as contribuições do 1º e 2º Congresso Afro-Brasileiro para o desenvolvimento dos chamados estudos afro-brasileiros, como um campo de estudo e o “aparecimento” de Arthur Ramos, um dos intelectuais dedicados a essa temática.

A produção acadêmica dos especialistas dos estudos afro-brasileiros, segundo Amado, teria rompido com a “vergonha” ou “covardia” da intelectualidade brasileira em “reconhecer, estudar” a “contribuição do negro à formação da nacionalidade” ou ainda “da contribuição do trabalho, da inteligência do negro à formação do país, do Brasil”. Com o enfrentamento através dos estudos acadêmicos empreendidos por Gilberto Freyre e Arthur Ramos, “esses estudos tem tido uma ação de conjunto”. A ideia de uma ação conjunta expressada por Jorge Amado abrange da re-divulgação dos estudos dos precursores Nina Rodrigues e Manoel Querino à ampliação das pesquisas levadas à frente por Edson Carneiro, por exemplo. (CARNEIRO & FERRAZ, 1940, p.325-326).

A ação conjunta desses estudiosos teve um sentido bem mais amplo. De fato parece que os intelectuais das décadas de 1930 e 1940 para desenvolverem os estudos afro-brasileiros, se organizaram em redes de solidariedade a partir das quais agiam no interior do campo intelectual de reflexão sobre o papel das populações e culturas de origem africana na formação social brasileira. A partir dessas redes esses intelectuais buscaram as estratégias possíveis para viabilizar, divulgar e legitimar os estudos acadêmicos sobre o tema (SILVA, 2005).

### “OS ESTUDOS NEGRO-BRASILEIRO”

No dia 24 do mês de outubro do ano de 1937 o Diário de Pernambuco, publicou o “Os estudos negro-brasileiro,” assinado por Arthur Ramos. O artigo é relevante por explicitar sua percepção acerca do 1º e 2º Congresso

#### Jorge Amado

Formado em Direito, foi jornalista, político, Obá de Xangô no terreiro do Ilê Opó Afonjá. Autor de várias obras adaptadas para o teatro, cinema e televisão, entre elas Tieta, Gabriela, Dona Flor e Seus Dois Maridos.

Afro-Brasileiro. E por apresentar sua versão da história do campo dos estudos das populações e culturas de origem africana. Nele o autor demarca como tendo ocorrido na segunda metade da década de 1920 o reinício dos estudos sistemáticos e acadêmicos do tema. Segundo Ramos, a inexistência desses estudos acadêmicos sistemáticos deriva de uma “conspiração do silêncio”. Na qual o principal tema de pesquisa ou “um problema que foi a preocupação dominante de Nina Rodrigues”, não teria se tornado objeto de estudos sistemáticos e relevantes. E se produziu um número reduzido de estudos sobre abolição e linguística (SILVA, 2005, p. 64-65).

Para ele, subitamente rompeu-se o silêncio sobre o tema quando o grupo de Recife, sob a inspeção de Ulysses Pernambuco, do Serviço de Higiene Mental, voltou-se para os estudos dos xangôs. Pouco depois Gilberto Freyre teria organizado o I Congresso afro-brasileiro, seguindo pelo segundo Congresso da Bahia, organizado por Edson Carneiro e Aydano do Couto Ferraz. Arthur Ramos reivindica o lugar de Nina Rodrigues como precursor dos estudos das populações e culturas de origem africana, no final dos anos trinta, quando este já teria o reconhecimento internacional. De acordo com o artigo seu nome já era “citado entre os estudiosos estrangeiros, como o grande pioneiro dos estudos científicos sobre o negro” (SILVA, 2005, p. 65). Provavelmente Arthur Ramos se refere aos intelectuais integrantes de uma rede internacional de reflexão acerca das populações e culturas de origem africana no Novo Mundo. A formação desse grupo articulado de estudo na primeira metade do século XX, foi sugerida na assertiva de Mintz e Price. Segundo esses pesquisadores os estudos das populações e culturas de origem africana se desenvolveram em função de uma “busca erudita” que fora cartografada por pioneiros entre os quais o pesquisador maranhense (MINTZ e PRICE: 2003, 07). Mas essa é uma outra história que vistaremos no próximo capítulo.

A recuperação dos nomes de Nina Rodrigues e Manoel Querino era uma das tarefas de alguns dos estudiosos dos então chamados Estudos Afro-brasileiros. Todavia, ao restaurar a memória desses precursores era necessário, de modo recorrente, enfrentar os seus limites. Isso explica, em parte, o esforço de Arthur Ramos para demonstrar o valor do pioneirismo do mestre maranhense no campo dos estudos. E essa era uma questão distinta em relação às críticas aos postulados teóricos adotados por ele na virada do século XIX para o XX. Na interpretação de Arthur Ramos o pensamento e a obra de um intelectual estão circunscritos às teias que enredam a todos: o seu tempo. “E não se poderá acusar hoje a sua Escola [Nina Rodrigues], [...] de má fé, de reincidir no prejulgado da tese da inferioridade antropológica do Negro ou da degenerência da mestiçagem”.

Reinterpretar e reabilitar a obra de Nina Rodrigues seria uma questão central para uma parte dos defensores dos estudos das populações e culturas de origem africana. Nessa sentido Arthur Ramos defende estar encerrado o

debate em torno da inferioridade ou superioridade das raças. E o faz com o argumento de ser a questão: “lugar comum a todo estudante de antropologia...” Apesar desta estratégia argumentativa, Ramos seguiu combatendo esta tese da inferioridade racial, em diversos espaços de sociabilidades, até o fim de sua vida na década seguinte (SILVA: 2005).

Na interpretação de Ramos havia entre os seus pares do campo dos estudos afro-brasileiros “um certo número de obstáculos” que prejudicariam o tratamento científico da temática” que deveriam ser enfrentados e superados para se garantir a cientificidade do campo de estudo. De acordo com o seu diagnóstico: “E é preciso, com toda a franqueza, fazer-se imediatamente, a análise destas dificuldades, objeções, erros de métodos... que podem comprometer a avaliação científica dos termos do problema”. Entre os três obstáculos citados estava a: “... exploração política do negro” (SILVA, 2005, p.68).

A acusação de ter havido uma exploração política do “negro” teria ocorrido já no 1º Congresso Afro-brasileiro. Sem referir-se à data ou ao nome do periódico, Arthur Ramos diz ter sido indagado sobre essa matéria por um jornal de Recife, naqueles dias e não poder oferecer informações por não ter participado da organização daquele evento. De todo modo, ao referir-se à questão da exploração política do negro, o autor ressalta a dimensão política do tema e dos espaços de sociabilidades dos Estudos afro-brasileiros, desde o 1º Congresso Afro-brasileiro. Segundo a sua narrativa seriam três os itens da exploração política do negro, a saber.

Na interpretação de Arthur Ramos, o trabalho acadêmico deveria ser desenvolvido dentro dos limites científicos. Nesse sentido dever-se-ia estabelecer um claro distanciamento entre o tema de estudo e o posicionamento no campo político-partidário. Este parece ser mais um ponto de aproximação de Arthur Ramos e Edison Carneiro. Contudo, devemos enfatizar as ligações dos temas e pesquisadores dos Estudos Afro-brasileiros com os movimentos sociais no Brasil e nos Estados Unidos. Ao que parece as ações e questões do ativismo negro norte-americano estão em constante diálogo, com a do brasileiro e com os especialistas dos Estudos afro-brasileiros.

Ainda em relação à chamada exploração política do negro, Ramos critica a imagem dos africanos e afrodescendentes produzida pelas obras dos viajantes “estrangeiros do período colonial e imperial”. Segundo Ramos, nessa obras o “Negro” teria sido visto “como um animal ‘interessante’ de um grande ‘pitoresco’”. Em sua interpretação essas obras são importantes fontes de estudos sobre aqueles períodos. Ao que parece, sua preocupação reside, tão somente, na existência, ou não, de uma análise crítica feita das fontes, pelo pesquisador (SILVA, 2005, p. 69).

A preocupação de Arthur Ramos dizia respeito a como o pesquisador fará o tratamento deste tipo de fonte. Como se produzir uma análise sem ser contaminado pelo olhar do viajante. Ou seja, até que ponto o grau acen-

tuado do viés pitoresco poderia comprometer a objetividade científica de “certos ensaios”. Arthur Ramos se refere a trabalhos nos quais o “Negro” gravita “nos dois pólos inevitáveis do sofrimento e do pitoresco”. Sem citar o nome do autor e sua obra, mas referindo-se especificamente a esta, Ramos desloca a sua crítica genérica a “certos ensaios” ou a um específico, ainda que indeterminado. Curiosamente, meses após o “principal organizador do Congresso do Recife” externar as suas críticas em uma entrevista concedida ao jornal Diário de Pernambuco, na qual previu o insucesso do Congresso da Bahia, Arthur Ramos publica no mesmo periódico a seguinte crítica (SILVA, 2005, P. 69).

Em outro item da questão da exploração política do negro, Arthur Ramos refuta a afirmação de ser o processo de ampliação e sistematização dos estudos das populações e culturas de origem africana, um modismo. Ou em sua palavras: “... assunto, em moda”. Segundo Ramos, para alguns intelectuais haveria um exagero ao interpretarem a existência de um “aluvião de trabalhos, ensaios, livros, artigos... sobre o Negro”. Para esses críticos o processo de ampliação e sistematização dos estudos das culturas e populações de origem africana seria uma “moda’ em contraposição à moda’ indianista”. Na interpretação de Ramos essas seriam “considerações ingênuas” de literatos ante a “falta de assunto”. Na defesa dos estudos afro-brasileiros, Ramos defende a igualdade de importância entre os dois temas. E reitera o esquecimento do relevante tema no Brasil, ao contrário do que ocorreria nos Estados Unidos (SILVA, 2005, P. 70).

As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas pela atuação de diversos intelectuais na análise do papel das populações e culturas de origem africana na formação social brasileira. Como parte da constante concorrência no encaminhamento de um campo intelectual de estudo Ramos advoga sua a cientificidade. Todavia o campo em construção é perpassado por uma dimensão política. Um dos mais importantes pesquisadores dessa temática e um de seus líderes no seu processo de sistematização e ampliação, conclui a questão com uma convocação para se: congregarem os estudiosos do problema em rígido labor científico, fugindo aos exageros românticos, ao cientificismo traiçoeiro, ou tomando cuidado em não seguir, caminhos falsos no endereço das suas pesquisas” (SILVA, 2005, p. 71).

### CONCLUSÃO

Nesta aula você pode perceber que o estudo das populações e culturas de origem africana na formação social brasileira teve início no século XIX e ao longo do tempo refletiu a conjuntura política e intelectual existente no Brasil e no mundo. Apesar das importantes iniciativas de pesquisadores como Sílvio Romero e Nina Rodrigues, na década de 1930 esses estudos foram ampliados e sistematizados por um significativo grupo de intelectuais como podemos aferir nos congressos afro-brasileiros do Recife e da Bahia. Por outro lado, essas pesquisas, temas e espaços de sociabilidades intelectual foram atravessados pelas dimensões acadêmicas e políticas, o antirracismo. Em duas oportunidades essas dimensões ficam mais explícitas, na inauguração das atividades do Movimento dos Intelectuais Brasileiros Contra o Preconceito Racial e no artigo os Estudos Negro-Brasileiro.



### RESUMO

A promulgação da lei 10639/03 e o estabelecimento das diretrizes curriculares, através da resolução 1/2004 CNE/CP, no ano seguinte nos remete a uma nova adequação das instituições de ensino fundamental, médio e superior, para melhor trabalhar esses conteúdos. Temas como as religiões de origens africanas, capoeira, irmandades religiosas e suas festas, formas associativas dos afrodescendentes ou movimentos negros, são cada vez mais visitados em um esforço para se suprir a lacuna de produção de pesquisa e de historiografia sobre o tema História da Cultura Afro-Brasileira. Por isso que convidamos caro leitor há, realizar essa viagem a um momento muito similar a este, transcorrido a mais ou menos, oito décadas atrás. Quando os intelectuais dedicados a sistematizar e ampliar os estudos sobre as populações e culturas de origem africana no Brasil e nas Américas se reuniam nos chamados Congressos Afro-Brasileiros. Em uma década onde houve uma multiplicação dessas entidades que dialogavam com esses estudiosos, embora nem sempre de maneira harmônica. Mas muitas vezes conseguiram estabelecer relações de alianças.



### ATIVIDADES

Para sublinhar a importância da década de 1930, em relação às novas produções dos estudos sobre as populações e culturas de origem africana, Thomas Skidmore, com um certo exagero, chega a afirmar que: “Nada se publicou de vital importância até a década de 30” (SKIDMORE, 1989, p.74 e 204). Com base na leitura da aula relacione, em um texto, mais dois momentos em que a ênfase na retomada dos estudos etnológicos e sociológicos dos africanos e afrodescendentes nesta década foram enfatizados.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Após a leitura da aula e feitura da atividade o aluno será capaz de saber que a temática História da Cultura Afro-Brasileira tem uma história.

## PRÓXIMA AULA

Nesta aula vimos as transformações por que passaram os estudos sobre as populações e culturas de origem africana entre o século XIX e o XX. Na próxima aula, veremos o seu processo de sistematização no cenário acadêmico internacional.



## AUTOAVALIAÇÃO

Sou capaz de entender que o tema História e Cultura Afro-Brasileira é fruto de um processo de construção, iniciado no século XIX, intensificado na primeira metade do século XX e retomado na virada do XX para o XXI?



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mario. Folclore. In: MORAES, R. B. BERRIEN, W. (org) **Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiro**. Rio de Janeiro: Souza ed, 1948.
- CARNEIRO, Edison; FERRAZ, Aydano do Couto. **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro Reunido (Bahia) de 1937. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1940.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CORRÊA, Mariza. **As Ilusões da liberdade**: a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.
- FREYRE, Gilberto. **Estudos afro-brasileiros** (Prefácio de Roquette-Pinto). Rio de Janeiro, Ariel.
- FREYRE, Gilberto. **Novos estudos afro-brasileiros** (Prefácio de Arthur Ramos). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
- LIMA, Ivana Stolze. **O Brasil mestiço**: Discurso e prática sobre relações raciais na passagem do século XIX para o século XX. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. PPHSC/PUC. (mimeo).1994.

MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista – Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. Cia. Editora Nacional, 1977.

\_\_\_\_\_. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Salvador: Livraria Pgresso Editora. 1957.

SILVA, Júlio Cláudio da Silva. **O nascimento dos estudos das culturas africanas, o Movimento Negro no Brasil e o antirracismo em Arthur Ramos (1934-1949)**. Dissertação de Mestrado. Niterói, PPGHS-UFF, 2005.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco**. Rio de Janeiro-São Paulo: Paz e Terra, 1989.

SWCHARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Retrato em branco e preto**. São Paulo: Cia. das Letras. 1987.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Disponível em <[http://www.fafich.ufmg.br/fibra/bib/romero\\_historia.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/fibra/bib/romero_historia.pdf)> acesso em 4/01/2010.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a poesia popular no Brasil**. Rio de Janeiro, s. e., 1888.